

Weymouth

Ao contrario de muitas outras cidades da Gran-Bretanha, que de dia para dia teem ido enriquecendo, Weymouth, outr'ora de grande importancia pela sua magnifica situação na embocadura do Wey, que lhe dava um excellente e seguro porto, acha-se hoje em perfeito estado de pobreza, devido á aglomeração de areias, que, gradualmente, lhe foram obstruindo a barra, a ponto de a tornarem quasi intransitavel. O seu commercio actual é insignificante; apenas alguns navios de pequeno lote, que navegam para a Terra Nova e para varios portos do nosso paiz, ali vão levar e receber cargas pouco avultadas.

Apezar, porém, da sua decadencia, a cidade de Weymouth, não desapareceu completamente da memoria dos laboriosos filhos de Albion; por que, se muito perdeu em riqueza, ganhou immenso em belleza e elegancia. Actualmente, as suas lindas praias são, de todas as d'aquella nação, as mais frequentadas no tempo dos banhos. É ali que se reune a cõrte e tudo quanto ha de nobre e opulento na Inglaterra.

A ponte que se vê na nossa gravura, obra de madeira edificada pelos annos de 1770 e mui digna de attenção pela sua elegancia e solidez, une Weymouth a Melcombe-Regis.

Weymouth conta tres mil habitantes. Foi n'esta cidade que desembarcou em 1471 Margarida de Anjou, em companhia de seu filho Eduardo, depois de restabelecer no throno seu marido, Henrique VI.

FRANCISCO PIZARRO

IV

O imperio peruviano era na America do Sul o unico paiz civilisado, como na America do Norte

era tambem no Mexico só que havia uma tal ou qual civilisação. Não porque fosse um reino compacto que se tivesse desenleado da barbaria, mas porque o poder dos Incas havia ido sujeitando pouco a pouco os paizes, civilisados tambem, que rodeiavam o primeiro nucleo do imperio, e sujeitando todos a um unico dominio. Ainda pouco antes da chegada de Pizarro, o inca Huana Capac fizera a conquista do poderoso reino de Quito, completando assim a unidade peruviana, e como que dando a todos os povos civilisados da America meridional uma cabeça unica para que a espada de Pizarro lh'a decepasse d'um golpe.

Os incas exerciam no imperio um despotismo absoluto. Como todos os chefes dos povos chegados apenas ao primeiro estado de civilisação, os incas peruvianos robusteciam o seu poder temporal com as tradições sacerdotaes, dizendo-se de raça divina e conquistando d'essa fórma não só o respeito humilde do povo, mas tambem a sua veneração. A familia dos incas formava uma familia á parte, cujo sangue se não devia macular misturando-se com o de outras raças. Comtudo, o ultimo inca ousára infringir essa lei fundamental do imperio. Namorado da filha do rei vencido de Quito, casára com ella, d'ella tivera um filho chamado Atahualpa a quem legára os estados de seu avô, deixando a Huescar, seu filho mais velho, o antigo territorio do imperio.

Mas o povo peruviano, por muito obediente que fosse aos seus monarchas, estranhou esta infracção aos usos estabelecidos, e começou a murmurar altamente. Vejam como o espirito humano é o mesmo em toda a parte! O que succedeu a Huana Capac no Perú, succedeu depois a Luiz XIV em França. Enquanto vivo todos obe-

deciam a um gesto seu; depois de morto rasgaram-lhe o testamento. E assim como os bastardos reaes filhos de M.^{me} de Montespán, foram esbulhados da regencia, que seu pae lhe deixára, por Philippe d'Orleans, firmado na opinião publica, assim Huescar, vendo as boas disposições do seu povo, resolveu desobedecer ás vontades de seu pae, e despojar da sua herança o profano intruso na familia divina dos incas.

Mas aqui finda o simile; Atahualpa não era, como o duque de Maine, um principe tímido e indolente. Aceitou o repto de seu irmão, bateu-o, e para que se não renovassem pretensões identicas, exterminou toda a familia dos incas, encerrou n'um carcere Huescar, deixando-lhe a vida para que podesse legalisar de certo modo a sua usurpação, apresentando-se como lugar tenente do monarca legitimo, e dando ordens em seu nome. Como se vê, Atahualpa adivinhava o procedimento do nosso D. Pedro II com seu irmão D. Affonso VI.

Estas dissensões civis foram altamente favoraveis aos hespanhoes. Mais occupados das suas discordias, do que repellirem uma invasão que lhes parecia ridicula, attendendo ao numero dos invasores, os dois rivaes reservaram para depois de se decidir pelas armas a sua sorte tratar de lançar ao mar os atrevidos brancos. Não censuramos os incas; como podia dar unidade a um imperio poderoso o desembarque de cento e tantos homens nas suas praias? Mas é certo que se, n'esse primeiro momento, conhecendo a immensa superioridade militar dos recém-chegados, tivessem caído sobre elles com todas as suas forças reunidas, é certo que, por muito grande que essa superioridade fosse, a massa enorme dos indios abafaria o corpo hespanhol. Não succedeu assim, e Pizarro, aproveitando esse erro, marchou, como dissemos, resolutamente para o interior.

Reforçado já por algumas expedições de Panamá e Nicaragua, Pizarro, depois de deixar uma pequena guarnição na fortaleza de S. Miguel, pôde avançar com a força enorme de sessenta e dois ginetes, e cento e dois infantes, dos quaes eram vinte besteiros e apenas tres mosqueteiros. A testa d'este numeroso exercito caminhou Pizarro para a cidade de Caxamalea, proximo da qual Atahualpa estava reunido com o grosso das suas forças.

N'isto sobreveio um novo incidente que mudou completamente a face dos negocios. Informado dos pequenos combates que houvera já entre os peruvianos e os hespanhoes, e da superioridade immensa que estes tinham revelado, Atahualpa, cego sempre pelo odio a seu irmão e pelo desejo de conquistar o throno, pensou que seria melhor, em vez de combater os estrangeiros, attrahil-os a si, e servir-se d'elles para fazer triumphar a sua causa. Politica deploravel que sempre servio o projecto dos conquistadores, que aplanou sempre os obstaculos, que os povos mais fracos lhe poderiam oppôr, se os seus governantes, em vez de se occuparem de mesquinhas rivalidades, despertassem o sentimento nacional, e levantassem um paiz em massa contra os invasores. Atahualpa cedeu aos desejos das suas más paixões. O pobre inca não tinha lido, de certo, a fabula do « cavallo, o veado e o homem. »

Pizarro, como habil que era, aproveitou o erro do inimigo, recebeu o valioso presente que este

lhe enviou, declarou que era embaixador de um rei muito poderoso, e que estava disposto a auxiliar Atahualpa com todo o seu poder. Depois continuou a avançar, entrou em Cahamalca, vendo que era uma cidade fortificada, collocou as suas tropas em posições vantajosas por traz dos baluartes, e d'ali enviou a Atahualpa Fernando de Soto para lhe renovar os seus protestos de amizade, e pedir-lhe uma entrevista.

(Continua)

GUILHERME TELL E SCHILLER

Durante o caminho, o pae e o filho conversam juntamente, e, a proposito de algumas interrogações do joven Walther, o bom cidadão d'Uri expõe-lhe em poucas palavras a sua politica.

WALTHER

Meu pae, existem paizes onde se não encontrem montanhas?

TELL

Quando, seguindo o curso das nossas ribeiras, se desce dos montes, chega-se a vastissimas planicies onde os olhares, sem que nada os impeça, abraçam a immensidade do espaço. As messes verdejam ali, como se foram ricos prados, e o paiz offerece o aspecto de um jardim bem cultivado.

WALTHER

Porque motivo, pois, meu pae, não corremos a esse bello paiz, em vez de ficarmos aqui n'um espaço tão estreito?

TELL

Essa terra de que te fallo é fertil e risonha como o proprio céu; mas os que a cultivam não recolhem as riquezas que n'ella depositam.

WALTHER

Que! Não possuem livremente a sua propria herança?

TELL

Não; os campos pertencem a um bispo ou a um rei.

WALTHER

Não obstante podem caçar á sua vontade nas florestas?...

TELL

As aves, os gamos, as lebres, tudo, emfim, pertence ao senhor.

WALTHER

Tambem não podem pescar nos seus rios?

TELL

Os rios, o vasto oceano, o sal, são propriedade do rei.

WALTHER

Quem é, pois, esse rei que todos devem temer?

TELL

É aquelle que os sustenta e protege.

WALTHER

Não acham elles em suas forças protecção!

TELL

Nenhum individuo ousa confiar a outro os sentimentos do seu coração.

WALTHER

Ah! meu pai, deve-se viver muito oppresso n'esse paiz. Prefiro ficar aqui, debaixo das avalanchas.

TELL

Sim, meu filho, estas montanhas de gelo são menós para temer que os mãos!...

Que predisposição para a lueta terrível com o governador! e para o filho, que licção de coragem e de liberdade! Que satyra sangrenta dos vicios do regimen feudal e dos abusos da realza! Emfim, como a dignidade da alma, preferida ás voluptuosidades da vida, se faz já sentir nas respostas do mancebo! É assim que se formam os homens verdadeiramente fortes, que se elevam á direcção dos seus proprios negocios e á intelligencia da cousa publica. A politica simples da justiça, e do esforço individual, é, a nosso parecer, a melhor.

Guilherme e seu filho acham-se depressa em Altorf e passam por diante do chapéo do governador. Aqui o poeta deu ao character do heroe um colorido sobre o qual convem chamar a attenção do leitor. Ainda que Tell tenha o espirito republicano, não é homem inclinado á destruição das leis estabelecidas e á rebellião. A sua natureza não é aggressiva. Passa, pois, por diante do chapéo sem saudal-o; mas, se procede deste modo, é por inadvertencia e preocupado com outras cousas, e confessal-o-ha com toda a sinceridade ao proprio governador. Comtudo, esta falta sendo olhada pelos ebirros como uma intenção má da sua parte, é preso e arrastado á prisão. É então que tem lugar a formosa scena da maçã. Esta scena, é, certo, uma das melhores da peça, e uma das mais pateticas do theatro allemão. Vê-se ali o coração de um pae rasgado nas suas fibras mais sensiveis, a tyrannia excedendo as forças da humanidade. Nada ali é superfluo. Neste horrivel duelo, cada palavra é uma setta, e commove profundamente. Tell é um coração energico, mas bom: faz tudo quanto é possível para afastar o homem da sua acção iniqua. Supplica-o, conjura-o, por tudo o que ha de mais sagrado no mundo, para que renuncie ao seu designio; depois, quando perde inteiramente toda a esperança de fazer mudar aquelle barbaro coração, toma a sua resolução e invoca o auxilio de Deus, auxiliando-se elle proprio. Emfim, a coragem e a innocencia triumpham; mas a perversidade ainda não se desarma. Persiste em opprimir a sua victima. Então o pobre montanhez, conhecendo que o combate é mortal, decide-se a aproveitar a primeira occasião favoravel para acabar com o seu algoz, tirar-lhe a vida. O voto que faz de matar o homem que o expunha a immolar seu innocente filho, voto espontaneo e arrancado ao excesso do soffrimento, medita-o e reflecte muito em quanto

espera a passagem do oppressor. «Eu vivia, diz elle, tranquillo e innocente; esta arma só era dirigida contra os hospedes das florestas e a idea de um assassinio jámais me manchou o pensamento. O governador, tu anniquilaste esta afortunada paz, accostumaste-me a acções de que a natureza estremece!... Governador, as novas e debeis crianças, as ternas esposas, é preciso que as salve do teu furor!...» E deste generoso sentimento, volta aos soffrimentos particulares que o affligiram quando dirigio uma frecha sobre a cabeça de seu filho. A imagem das suas criancinhas passa-lhe diante dos olhos; cuida nos seus joguinhos com elles, pensa no prazer que lhes dava quando lhes levava alguma cousa da caça. E agora, é outra a presa que elle persegue; e solta este ultimo grito: «Sois vós, meus queridos filhos, sois vós unicamente quem me occupa o pensamento; e se eu estendo o meu arco, é para proteger a vossa timida innocencia!»

Schiller era pae de familia na época em que compoz o seu drama. Era necessario que o fosse, para ter sentido tão profundamente, e haver descripto tão justamente as angustias da ternura paternal esmagada pela mão de ferro de um poder implacavel.

O malvado é morto. Logo depois de o ver cair sob a sua frecha, Tell volta á sua choupana, e, entrando, as suas primeiras palavras são uma explosão de felicidade conjugal e de entusiasmo paterno. «Ó Hedwige, Hedwige, mãe de meus filhos, Deus tem estado connosco; nenhum tyranno jámais nos separará!...» E abraça sua mulher e filhos. Comtudo, a meiga esposa receia que seu marido tenha commettido um assassinio: «Esta mão, diz ella, posso ainda apertal-a?»

—«Esta mão, responde Guilherme com energia, esta mão libertou-nos; salvou a patria e eu levanto-a livre para o céu!» Estas ultimas palavras tranquillizam a consciencia inquieta de Hedwige. Se Tell se sentisse culpado; levantaria a mão manchada de sangue para o céu?

Esta resposta, comtudo, não bastou ao poeta. Querendo pôr o seu heroe ao abrigo de toda a censura, imaginou um encontro entre elle e João o parricida, duque de Souabe. Este principe, assassino do imperador de Allemanha, seu tio, porque este ultimo queria apoderar-se dos seus bens, proscripto e fugitivo nas montanhas da Suissa, vem pedir hospitalidade á mulher do bravo archeiro justamente no momento em que este entra.

Resulta do contacto destes dois homens um colloquio, no qual Schiller imprime claramente a differença que existe entre o homem que mata com um interesse privado, mesmo o seu inimigo, e aquelle que, tomando as armas para a sua propria defeza, da dos seus filhos e do seu paiz, só opera em vista da justiça e dos interesses geraes.

TELL

Assassino de teu pai e do teu imperador, como ousas tu penetrar neste innocente asylo? Como

ousas encarar um homem honrado e reclamar os direitos da hospitalidade?

JOÃO O PARRICIDA

Esperava encontrar no vosso coração alguma compaixão pelo meu infortunio. E vós, também, vos vingastes do inimigo que vos opprimia.

TELL

Desgraçado! Atreves-te a confundir o cruento crime da ambição com a defeza legitima de um pae? Tinhas a salvar a cabeça de um filho querido, a santidade dos lares domesticos a defender? Procuraste arrancar os teus á desgraça que pesava sobre elles? Eu levanto para o céu as minhas mãos innocentes, e amaldiçoo-te a ti e ao teu atentado! Eu vinguei as santas leis da natureza; mas tu violaste-as. Nada ha de commum entre nós. Tu assassinaste aquelles que devias respeitar, e eu defendi o que tenho de mais caro no mundo.

Tell, separando a sua causa da de João; não fecha, comtudo o seu coração ao dó que elle lhe inspira. Anima o infeliz príncipe, e aconselha-o a que se dirija á Italia e vá lançar-se aos pés do soberano pontifice, confessando-lhe o seu crime, para assim remir a sua alma.

A scena é engenhosa, o dialogo é acertado e elegante; mas no ponto de vista dramatico, achamol-o frio e pouco natural. Conhece-se perfeitamente que só ha ali um arrasoado do poeta a favor do seu principal personagem. Não havia precisão d'isto; as poucas palavras de Tell a sua mulher eram sufficientes. Schiller não considerava a arte, e com especialidade a theatral, como uma simples distracção do espirito, um objecto de commoções ardentes e passageiras; queria que fosse um ensino duravel e profundo, e que o espectador d'uma peça de theatro saísse da contemplação d'ella, melhor e mais serio; só queria deixar no espirito do publico altas inspirações do bem. É, pois, á extrema delicadeza do senso moral do poeta que se deve esta ultima scena, que não é mais, para assim dizer, que uma superfetação, e que, ordinariamente, é supprimida nas representações.

Em summa, esta figura heroica da Suissa no decimo quarto seculo, reproduzida por Schiller, dá a maior honra ao seu pincel. É d'aquellas que como Lucrecia e Virginia, dizem á tyrania, descobrindo os profundos sentimentos do coração paterno, os pudores da virgem e a honra da esposa: Não avançarás a tanto; ou se te atreveres a levar até abi o insulto, acharás, certo, a tua ruina.

Guilherme Tell, foi a ultima obra importante do grande poeta; terminou a sua brilhante carreira dramatica com um canto de liberdade honrado e popular. Começara-a compondo o drama dos *Salteadores*, obra na qual a paixão pelo direito e o odio pela injustiça se manifestaram debaixo das formas da revolta e da destruição. Estes sentimentos mantiveram-se no sublime sonho do marquez de Posa, e, pela ultima vez exprimiam-se nobre e virilmente pelo organ simples e

franco de uma pobre criança da Helvecia, não pedindo para si e para os seus senão o meio de mover-se com liberdade, dignidade e segurança, no pequeno circulo de vida onde os collocara a Providencia.

Não se póde acabar melhor.

UMA OBRA DO SECULO IX

5. Constantino, reinou XXX annos. Havendo-se convertido ao christianismo, tolerou os christãos. Por esta época, Helena, sua mãe, encontrou a Cruz do Senhor. Mandou que se celebrasse o Concilio Niceno, como dizemos em outra folha.

Constancio e Constante, reinaram XXXIII annos. Constante, arriano e cruel por seus costumes, persegue os christãos. Seu amigo Arrio, morre em Constantinopla. Hilario brilha por sua doutrina. Donato, que floresceu em Roma na arte da grammatica, morre ali por este tempo. Antonio Monge, morreu também n'esta época. Os ossos dos Santos Apostolos André e Lucas trasladam-se para Constantinopla.

6. Juliano reinou II annos. Primeiro clerigo, e logo Imperador; e pagão, adorou os idolos, martyrisou os christãos, e por odio a Christo, mandou restaurar o templo dos judeus em Jerusalem; mas o Senhor não lh'o consentio, e Juliano morreu asetteado pelos Persas.

Joviano, reinou I anno. Este, sendo christão, recusou tomar as redeas do governo, e accedeu aos rogos do exercito, quando este se converteu ao christianismo. Immediatamente restituiu aos christãos todas as liberdades e privilegios e mandou fechar os templos dos idolos.

Valentiniano e seu irmão Valente reinaram XIV annos. Os godos dividem-se em duas porções mandadas por Atanarico e Fridigerno. Alarico excede Fridigerno. Este, com o auxilio do Imperador arriano, Valente, e pela influencia d'este, abraça o Arrianismo com todos os seus Godos. Golfilo, bispo, ensina-lhes o uso das letras.

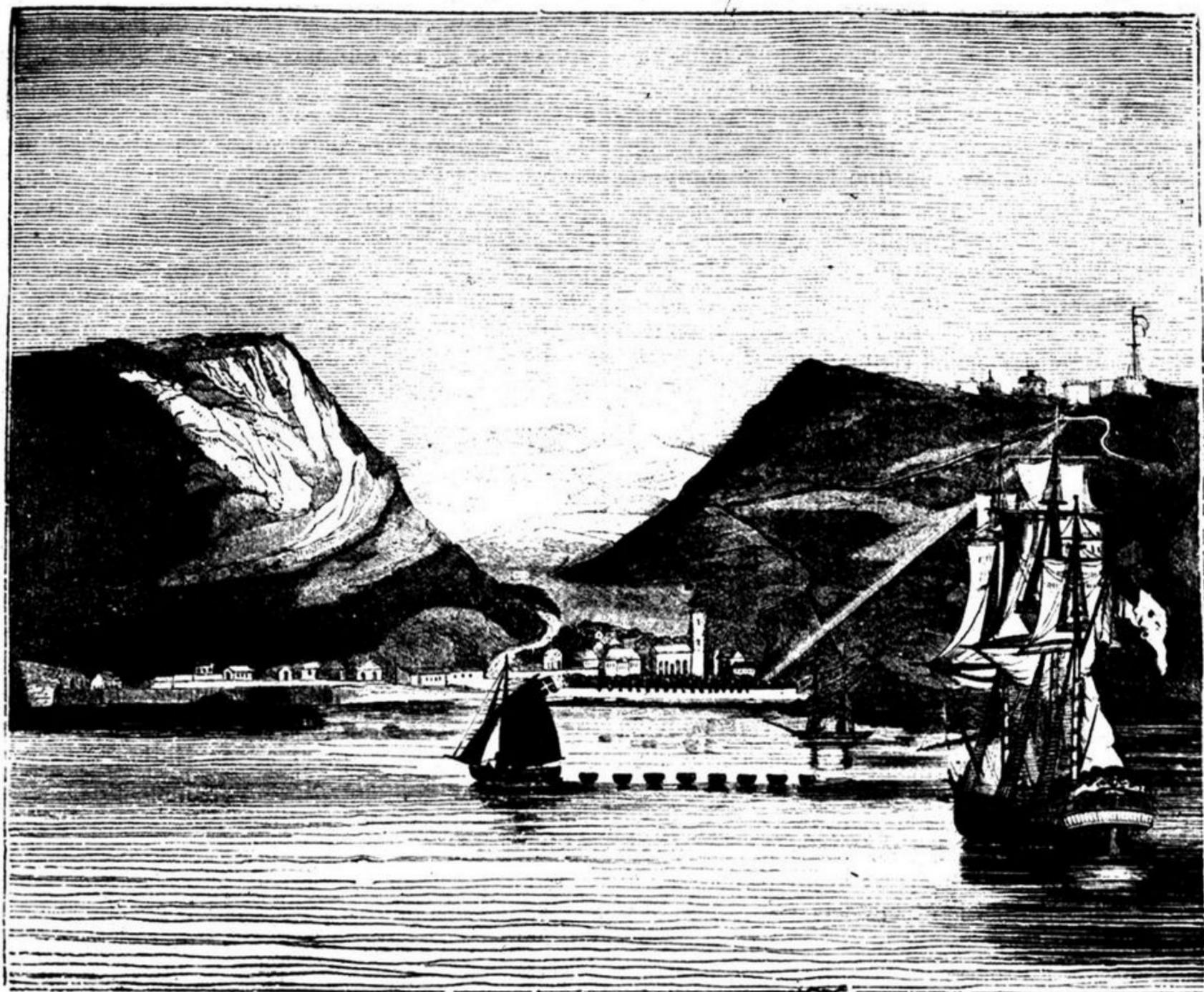
Graciano com seu irmão Valentiniano, reinou VI annos. Florescem Ambrosio, bispo de Milão e S, Martinho, bispo Turonense, assignalando-se este por seus milagres nas cidades da Gallia.

7. Valentiniano com Theodosio, reinou VII annos. Celebra-se um synodo em Constantinopla, composto de CL Bispos. O presbytero Jeronymo, floresce em Belem, e em todo o mundo. A cabeça de São João Baptista, é trasladada para Constantinopla, e enterrada a VII milhas da cidade. Theodosio derroca o templo dos idolos,

Theodosio com Arcadio, reinou III annos. Por aquelle tempo, o Anachoreta João, brilha por seus milagres.

(Continua)

A palavra revestida de brandura tem muyto mais força, e lustre: e revestida de colera, hua, e outra cousa perde. Nada menos se persuade ao proximo, do que o que se lhe intenta persuadir como modo apayxonado, ou imperioso.



Santa Helena.

Que nome este! que poema nos não desperta logo na phantasia a imagem d'uma pequena ilha pedregosa, perdida no meio dos mares, ninho de rochas onde foi expirar a aguia, que deixara cair o raio apagado nos campos de Waterloo! Santa-Helena é a consagração poetica do grande homem do seculo, é o sello de chammas estampado na fronte do gigante, que podia ser apenas um grande general como Frederico, um grande administrador como Colbert, um grande estadista como Richelieu, e que tomou, graças a esse captivo na ilha solitaria, as proporções enormes do Prometheu da mythologia.

O odio é cego, tanto o das nações, como o dos individuos. O punhal de Ravallac veio canonisar o bom Henrique IV; a perfidia de Castlereagh divinizou Napoleão. Quem sabe? o homem estava cançado, o genio estava exausto, a aguia, com as azas quebradas, não pedia senão que a deixassem desprender o vôo rasteiro e obscuro de telhado em telhado. A isso se reduziria talvez a ave imperial, que, desembarcando no golpho Juan, annunciava orgulhosamente que voaria de campanario em campanario até ir poisar nas torres de Notre-Dame. Se o deixam viver, como elle pedia, simples particular n'um canto da Inglaterra, se lhe restituem mesmo o seu imperio lilliputiano da ilha d'Elba,

tinham assassinado com o ridiculo a gloria mais colossal do universo, tinham dado um fim burquez a essa existencia heroica, tinham arrancado a esse Edipo colossal o tragico manto da fatalidade, e tinham-n'o transformado no pacato Geronte d'uma comedia de Molière.

Mas o odio cegou-os, desvairou-os o medo. Levantaram a estatua caída, deram-lhe o pedestal sublime d'um infortunio immenso, e collocaram-n'a ali isolada em Santa Helena, no meio das vagas tempestuosas, longe da Europa e, contudo, presente sempre á imaginação europea. Ao homem, que se quizera confundir com os outros homens, deram a grandeza do eremiterio, e o vago mysterioso do longinquo, trocaram-lhe a coroa imperial pela coroa cem vezes mais brilhante do martyrio, e fizeram assim do homem um Titão, do imperador um Deus.

Não podia haver fecho mais sublime para a grandiosa epopéa napoleonica; o Prometheu gigante, que espalhou pelo mundo a chamma sagrada da revolução, que levou a liberdade, sua mãe, maniatada ao seu carro de triumpho, mas que assim mesmo em grilhões a fez admirar aos povos, senão em si mesma, pelo menos n'elle a sua obra mais completa, filho ingrato, mas filho augusto e grande, o Prometheu do seculo brota do seio de

um rochedo do Mediterraneo; como a aguia, que ha de ser seu symbolo, abate o vôo juvenil sobre Toulon, e com o raio, que leva nas possantes garras, fulmina a cidade rebelde, depois em vendemia-rio entra de novo em scena, e de novo a sua pallida figura affugenta a contra-revolução. Eil-o outra vez nas montanhas, em que tanto se compraz, desce dos Alpes italianos, atravessa a Italia como uma nuvem de fogo, fulminando exercitos, e só para fremente e offegante no cume dos Alpes Tyrolezes, dictando a lei ao inimigo.

Depois as suas azas immensas ambicionaram deixar-se illuminar pelos esplendores do Oriente, e a aguia ousada vai pousar triumphante, entre as nuvens, no cume das Pyramides, ao lado das vaporosas figuras dos quarenta seculos. Eil-o agora na Europa, enviado pela Providencia para salvar a revolução. Os Alpes ontra vez o vêem poisando sobre os seus pincares nevados, indo saciar-se em Marengo no corpo dos inimigos.

Depois a coroa imperial cinge-lhe a fronte, e é quem lh'a cinge um papa. Começa então a carreira victoriosa, hoje Austerlitz, amanhã Iena, depois Friedland, Somo-Sierra em seguida, Wagram, Moskowa. A aguia fatigada mal pôde já desprezar as azas ás brisas da victoria; se hoje se banha no Tejo, banhar-se-ha amanhã no Borysthenes. Afinal o colosso tem que recuar, mas os seus passos retrogradados são victorias que os assignalam: Lutzen, Bantzen, Dresde, Hanau, Montereau, Montmirail, Champaubert. Nas mesmas victorias vae perdendo o sangue; cae afinal desfallecido na ilha d'Elba, ergue-se de novo, regressa a Pariz, junta um nome—Legny—à sua lista triumphal, mas a negra pagina de Waterloo apaga esses ultimos clarões, e a aguia prostrada está á disposição dos caçadores. Prometheu sente no peito os joelhos dos deuses d'esse Olympo monarchico, joelhos que tanta vez se macularam de pó diante d'elle.

A epopeia ameaçava acabar d'um modo desastroso; se Carlos V é, emquanto a mim, um tanto ridiculo, entoando o cantochão em S. Justo, se as alfices cultivadas por Diocleciano em Salona têm o privilegio de nos fazer rir, que despoetisação não seria a d'esse grande vulto napoleonico, se a Europa fosse informada de que o illustre abdicario se entregava ao fabrico da manteiga, ou á criação de porcos n'uma bonita herdade do Middlesex ou do Derbyshire!

Mas a Inglaterra não quiz. Deu á aguia de novo uma attitude real, encerrando-a n'essa gaiola penhascosa, levantou o Prometheu, que ia a tombar na prosa, e, para que o mundo pudesse avaliar melhor a sua estatura colossal, agrilhoou-o, no meio dos mares, ao Caucaso de Santa-Helena, e poz-lhe ao lado, para completar a semelhança, esse hediondo abutre que se chamou Hudson Lowe.

O que desejam os leitores saber mais de Santa-Helena? Tão grande nome enche a pequena ilha. Comtudo sempre diremos duas breves palavras acerca d'essa terrinha, escolhida para carcere do colosso.

Foi no dia 22 de maio de 1502 que João da Nova, fidalgo gallego ao serviço de Portugal, descobriu esta ilha a que poz, segundo o costume dos nossos descobridores, o nome da santa venerada n'esse dia pela igreja. Era completamente deserta. Os portuguezes estabeleceram ali algumas plantações, mas logo as abandonaram porque, sendo a ilha pouco attrahente, e havendo tantos territorios magnificos, que elles podiam desbravar; não quizeram perder tempo e fadigas com essa terra pouco importante. E, apesar d'isso, como, se para elle se rasgassem os véos do futuro, o celebre escriptor Antonio Galvão dizia desta pobre ilha deserta: «Santa-Helena, cousa pequena, mas muito nomeada.»

Para que o honrado escriptor não se pavoneie com as honras perigosas de propheta, diremos que o motivo que lhe dictava estas palavras era simplesmente o ser a bahia de Santa-Helena muito segura, e optimo porto de refrescos para as esquadras que se dirigiam á India.

Foi por isso que os portuguezes, apesar de a não quererem para si, expulsaram constantemente os Europeus que lá encontravam, procurando fundar algum estabelecimento. Afinal, quando principiou a nossa decadencia, os Hollandezes, que nos tomavam colonias de mais importancia, tambem conseguiram manter-se definitivamente nesta pequena ilha.

Em 1650 abandonaram-n'a elles á Companhia Inglesa das Indias Orientaes em troca do Cabo da Boa-Esperança. As duas republicas do Norte, a Inglaterra era então republicana, debaixo do protectorado de Cromwell, dividiam entre si a seu bel-prazer os retalhos da nossa tunica soberba.

Só em 1660 fundou a Companhia o seu primeiro estabelecimento, que em 1673 os Hollandezes lhe tomaram por surpresa. N'esse mesmo anno lh'a retomaram os Inglezes, e, para evitarem novos desastres, erigiram n'ella o forte de St. James.

A capital da ilha é *St. James Town*. Fortificações numerosas fizeram desta cidade uma outra Gibraltar. Por isso o governo inglez, quando, relanceando os olhos pelos vastos mares sujeitos ao seu imperio, procurou um carcere seguro para o homem, que vinha confiadamente, e segundo a sua propria frase, seatar-se, como Themistocles, junto dos lares dos seus maiores inimigos, fixou-se logo em Santa-Helena.

Ali residio Napoleão durante os ultimos seis annos da sua vida, torturado pela mesquinha vigilancia e pela brutalidade ignobil de sir Hudson Lowe, consolado pelo respeito e dedicacão do marechal Bertrand, do conde Montholon, do seu creado de quarto Marchand, do conde de Les Casas, cortezão do seu infortunio, e do medico irlandez Barry O'Meara, que, designado pelo governo para ser um dos seus algozes, escolheu o papel mais nobre de ser um dos servidores affectuosos do exilado sublime.

Foi em Longwood que elle habitou, pequena residencia collocada no ponto mais doentio da ilha.

mas também no ponto d'onde mais impossível seria uma fuga. Ali esteve o colosso desde os fins de 1815 até 5 de maio de 1821, em que essa grande alma, desprendendo-se do involucro terrestre, voltou ao seio do Criador, que a elle, mais do que a todos, illuminára com um reflexo da sua omnipotencia.

Dezenove annos repousou o corpo de Napoleão á sombra do salgueiro celebre, cujas folhas tanto tempo foram consideradas como inestimaveis reliquias pelos admiradores do grande homem.

Finalmente em 1840, reinando em França Luiz Philippe, veio uma fragata franceza, a *Belle-poule*, commandada pelo filho do monarcha, o principe de Joinville, buscar os restos mortaes do gigante, para os ir collocar ao lado dos de Turenne debaixo das abobadas da igreja dos Invalidos, á sombra das mil bandeiras, que as suas armas victoriosas haviam arrancado a todos os exercitos da Europa.

Mal previa o principe illustre que ia buscar á terra do exilio o cadaver do grande proscripto, que, oito annos depois, pizaria elle também a terra estrangeira, expulso pela França, essa madrastra, que engeita os filhos, a quem deve a sua gloria immensa.

Dir-lhes-hei o meu ultimo pensamento? Sinto que arrancassem o cadaver de Napoleão ao tumulto sublime que a Providencia lhe dera. Napoleão é um destes grandes homens, que um paiz não póde confiscar em seu proveito exclusivo; reclama-o a humanidade. Aquella rocha negra, aquella cratera devastada, aquella penedia anfractuosa, onde a vaga rebenta por todos os lados, era digna de conter esse volcão extinto, essa torrente estagnada, que depois de abrasar o mundo com as suas chammas, depois de alastrar os povos com a sua espuma, foi apagar-se e morrer no seio da immensidade.

PINHEIRO CHAGAS.

OS BRAHMANES

Os cultos de Vischnu e Siva parece dividirem quasi igualmente a povoação india: esta divisão existia já no oitavo ou nono seculo. Comtudo, a confusão produzida no espirito das populações pela multiplicidade das divindades masculinas e femininas do pantheon indio, e pela das legendas que se lhes referem, determinou a formação de uma infinidade de seitas, que escolhem de entre todos estes deuses um objecto de adoração especial ou mesmo quasi exclusivo.

Dos dois cultos principaes da India, o mais humano é, sem contradicção, o de Vischnu. Effectivamente, este Deus não é só a divindade conservadora; é também o redemptor da humanidade e do universo. Segundo o systema theogonico e cosmogonico do Brahmanismo, ha para o mundo épocas de destruição e restauração; n'estas épocas, que, no passado, elevam ao numero de nove, necessita-se da intervenção de um Deus para salvar o universo: ora, o mundo deveu a sua sal-

vação a Vischnu, que se incarnou outras tantas vezes descendo sobre a terra. Entre estas incarnações ou *Avatars* de Vischnu a mais celebre é aquella em que elle se manifestou sob a fórma de *Krischna*. O *Bhagavat-Pourana* e o *Mahabharata* são destinados quasi inteiramente a celebrar os seus altos feitos: este avatar é o oitavo na ordem dos tempos. A decima e ultima incarnação de Vischnu terá lugar no fim da presente idade. Apparecerá montado em um cavallo branco e armado com uma cimitarra brilhante para punição eterna dos mãos. Vê-se, pois, que ha no culto de Vischnu como uma longinqua lembrança, como uma tradição obscura e desfigurada da promessa de redempção feita depois da queda do primeiro homem.

Quanto a Siva, os seus sectarios adoram-n'o, ora como o principio de geração, ora como o principio de destruição, sob o aspecto de um Deus terrivel e ameaçador. O mesmo succede com *Bhovani*, sua mulher e sua irmã, que é também honrada debaixo da fórma de Kali, deusa dos infernos. É sabido que esta horrivel seita dos *Thugs* ou Estranguladores, que espalhou, ainda não ha muitos annos, o terror por toda a India, pretendia tornar-se agradavel a esta medonha divindade, diminuindo tanto quanto fosse possível o numero dos vivos.

Segundo Wilson, existem hoje na India vinte seitas de *Vischnuitas* e nove de *Sivaïtas*. Mas, tendo-se em consideração as divindades subalternas que recebem um culto quasi exclusivo, das crenças, para assim dizer, locais, e das alterações que as diversas escolas philosophicas teem introduzido nas differentes partes do systema brahmanico, póde dizer-se que as seitas indianas elevam-se a muitas centenas.

Apesar de todas as diversidades que se observam, já nas crenças, já nos cultos da India, todas as seitas estão de accordo sobre dois pontos que, por este motivo, podem ser considerados como o seu laço commum, e como constituindo o caracter essencial e distinctivo do Brahmanismo; queremos fallar da instituição das *castas* e do dogma da *transmigração*.

A distincção das castas é d'origem divina. «Para a propagação da raça humana, diz o codigo de Manu, Brahma produziu da sua boca, do seu braço, da sua coxa e do seu pé, o *Brahmane* (padre) o *Kchatriya* (guerreiro), o *Vaisiya* (lavrador, negociante) e o *Soudra* (servo, proletario).

«Para a conservação desta criação, o Ser soberanamente glorioso marcou differentes occupações a cada um dos que assim tinha produzido. Deu por missão aos Brahmanes o estudo e o ensino dos Vedas, o cumprimento do sacrificio, a direcção dos sacrificios offerecidos por outros, e o direito de dar e o de receber. Impoz por deveres, ao *Kchatriya*, proteger o povo, exercer a caridade, sacrificar, ler os livros sagrados e não se entregar aos prazeres mundanos. Cuidar dos gados, dar esmolas, sacrificar, estudar os Livros santos, negociar, dar dinheiro a juro, cultivar as

terras, são as funcções do Vaisiya. Mas o soberano Senhor não impoz ao Soudra senão uma obrigação: a de servir as classes precedentes, sem depreciar o seu merito... O Brahmane, vindo ao mundo, é collocado no primeiro lugar nesta terra; soberano senhor de todos os entes, deve velar pela conservação do thesouro das leis.

«Tudo quanto o mundo encerra é propriedade do Brahmane; por sua primogenitura e por seu nascimento, tem direito a tudo quanto existe.»

O livro de Manu é consagrado, sobretudo, a estabelecer os direitos e os deveres das tres primeiras castas; mas o objecto principal da preocupação do auctor, são os privilegios dos Brahmanes. «O Kchatriya ou o Vaisiya, diz elle, que se precipita sobre um Brahmane com o intento de feril-o, mas que o não fere, é condemnado a girar, pelo espaço de cem annos, no inferno chamado *Tá-misra*. Se por colera e de proposito o fere, ainda que seja com um insignificante vegetal, deve renascer, durante vinte e uma transmigrações, no ventre d'um animal ignobil. Quantos grãos de pó o sangue do Brahmane absorve, caindo na terra, outros tantos annos o que fez correr este sangue será devorado por animaes carnivoros no outro mundo.

«...Que o rei evite matar um Brahmane, quando mesmo elle tenha commettido todos os crimes possiveis; expulse-o do reino deixando-lhe todos os seus bens, e sem fazer-lhe o menor mal... Não ha no mundo maior iniquidade que o assassinio d'um Brahmane; eis porque um rei nem mesmo deve conceber a idéa de condemnar á morte um Brahmane.» Quanto aos Sondras não gosam de direito algum, nem mesmo do de ler os Livros santos e sacrificar. «Uma cega obediencia ás ordens dos Brahmanes versados no conhecimento dos Livros santos, donos de casa e afamados por suas virtudes, é o dever principal d'um Soudra e o que lhe dá a felicidade depois da morte... Que o Brahmane não dê ao Soudra nem um conselho, nem os restos da sua comida, a não se dar o caso deste ser seu creado; não deve ensinar-lhe a lei, nem pratica alguma de devoção expiatoria; o que declara a lei a um homem da classe servil, ou lhe faz conhecer uma pratica expiatoria, é precipitado com elle na tenebrosa morada que tem por nome *Asamvrita*.

«Um Soudra não deve amontoar riquezas superfluas, ainda mesmo que o possa, porque um Soudra, logo que adquire grandes teres, vexa os Brahmanes com a sua insolencia... Um Soudra, embora liberto por seu senhor, não está fóra do estado de escravidão; porque, sendo-lhe este estado natural, quem poderia exemptal-o?... Um Brahmane, se cae em pobresa, pode, com toda a segurança de consciencia, apropriar-se dos bens de um Soudra.»

(Continua)

Adverte que a froxidão, & ignavia he a mãe dos vicios; porque os bens que adquiriste, fará que os percas: & os que te faltão, fará que os não adquiras.

MANUEL BERNARDES.

PROFISSÃO DE FÉ

I

Creio em Deus, porque só elle,
um anjo dar-me podia;
que taes perfeições revele,
que tenha uma tal magia,
como tu, rosa de amor.
Creio n'elle! que o Senhor
mandou ao mundo — p'ra mim. —
do seu ethéreo jardim
a mais graciosa flôr.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

II

Eu creio na Providencia,
que me deu um paraizo,
que me inflorou a existencia
co'as galas do teu sorriso,
com mil grinaldas de amor.
Creio n'ella! que o Senhor
meus anhelos attendeu,
como quando concedeu
orvalhos á murcha flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

III

Creio na sabedoria
d'esse Deus todo perfeito,
que uma alma n'um fausto dia
infundio dentro em teu peito,
mas uma alma toda amor.
Creio, sim, porque o Senhor
deu-te bellesa sem par,
da gasela deu-te o olhar,
deu-te o perfume da flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

IV

Creio que alem d'esta vida,
d'esta vida transitoria,
a minha alma, á tua unida,
viverá na eterna gloria,
alimentada de amor.
Creio, sim! porque o Senhor
nossas almas não quer ver
desunidas fenecer
como a essencia de uma flor.

¿É errada a minha fé?
Oh, não! — se eu te adoro, flor,
tambem adoro o Senhor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

E impossivel olhar fixamente o sol e a morte.

LA ROCHEFOUCAULD.

Não ha cousa mais cara que a que custa vergonha.

FERNÃO MENDES PINTO.